

AGROBIODIVERSIDADE E A CULTURA EM TERRITÓRIO QUILOMBOLA NOS MUNICÍPIOS DE TAVARES E MOSTARDAS NO RIO GRANDE DO SUL.

Anderson Martha¹

Resumo

O objetivo desse trabalho foi avaliar questão quilombola vem sendo debatida há tempos o qual se vez inúmeros trabalhos sobre o território negro e sua forma de resistência, mas pouco sobre a cultura da manutenção de suas sementes crioulas e seus significados, suas estratégias desenvolvidas para manter sua autonomia, não unicamente econômica, mas também pela tomada de decisões, pelas cosmovisões que suas sementes transmitem aos seus agricultores. O termo agricultores (as) guardiões (ãs) de sementes crioulas é uma vertente questionadora do modelo dominante valorizando e re-significando o valor da semente crioula. Nesse sentido, as famílias guardiãs quilombolas, dotados de uma rica diversidade cultural manipulam de forma diferenciadas um número considerável de sementes crioulas o que vem possibilitando a manutenção uso e valorização de diferentes espécies e variedades de sementes.

Palavras-chaves: Cultura, Agroecologia, Tradição.

AGROBIODIVERSITY AND CULTURE IN QUILOMBOLA TERRITORY IN THE MUNICIPALITIES OF TAVARES OND MOSTARDAS IN RIO GRANDE DO SUL

Abstract

The quilombola issue has been debated for a long time, with numerous studies on black territory and its form of resistance, but little on the culture of maintaining its creole seeds and their meanings, its strategies developed to maintain its autonomy, not only economic, but also for decision-making, for the worldviews that their seeds transmit to their farmers. The term farmers (guardians) of creole seeds is a questioning aspect of the dominant model, valuing and re-signifying the value of creole seed. In this sense, quilombola guardian families, endowed with a rich cultural diversity, manipulate in a different way a considerable number of Creole seeds, which has been making it possible to maintain the use and valorisation of different species and varieties of seeds.

Keywords: Culture, Agroecology, Tradition.

¹ Mestre em Sistemas de Produção Agrícola Familiar pela Universidade Federal de Pelotas. Email: andersonmartha81@gmail.com

AGROBIODIVERSIDAD Y CULTURA EN TERRITORIO QUILOMBOLA EN LOS MUNICIPIOS DE TAVARES OND MOSTAZA EN RS

Resumen

El objetivo de este trabajo fue evaluar la cuestión quilombola que se ha debatido durante mucho tiempo, que ha visto numerosos trabajos sobre territorio negro y su forma de resistencia, pero poco sobre la cultura de mantener sus semillas criollas y sus significados, sus estrategias desarrolladas para mantener su autonomía, no solo económica, sino también en la toma de decisiones, por las cosmovisiones que sus semillas transmiten a sus agricultores. El término agricultores (guardianes) de semillas criollas es un aspecto cuestionable del modelo dominante que valora y resignifica el valor de la semilla criolla. En este sentido, las familias tutoras quilombolas, dotadas de una rica diversidad cultural, manipulan de manera diferente un número considerable de semillas criollas, lo que ha permitido el uso continuado y valorización de distintas especies y variedades de semillas.

Palabras clave: Cultura, Agroecología, Tradición.

INTRODUÇÃO

Com surgimento da agricultura e a domesticação de espécies de determinadas variedades vegetais a proteção dos recursos naturais vem sendo discutida levando-o a reflexão, ao despertar das necessidades de ser ter o senso de preservação da agrobiodiversidade tal como a sua necessidade de integrar os grupos sociais a problematizar sua importância no equilíbrio ambiental, considerando deste modo o território quilombola e importante para consolidar os sistemas agroecológicos. E sua base de produção agroecológica é um processo contínuo e pertinente para o desenvolvimento representado pela mudança de paradigma relacionada à produção de cultivares livre de veneno, ou seja, alimentos saudáveis (ANTUNES *et. al.*, 2018a)

Diante da complexidade que é esses sistemas biodiversos sua definição busca compreender a grande variabilidade a quem fornece e agrega as necessidades dos agricultores com uma variedade de conjunto que acabam influenciando sua conduta se expondo a um emaranhado de visões e cosmovisões esse pensamento questionador colocando o próprio conhecimento sob olhar crítico (ANTUNES *et. al.*, 2018b).

Os agricultores guardiões quilombola estão neste cenário, a conservação das sementes de variedades crioulas tornou-se um aspecto fundamental na preservação da agrobiodiversidade, principalmente no que concerne aquela de clima subtropical e temperado, que têm sido pouco alcançadas pelas instituições de pesquisa e desenvolvimento.

Esse material genético segundo Bevilaqua *et al.*, (2008), encontra-se nas mãos de agricultores familiares, assentados da reforma agrária, quilombola e comunidades tradicionais os quais podem ser considerados guardiões das sementes e essas cultivares passando de geração em geração, submetidas a um processo de seleção local pelos agricultores, através de melhoramento voltado para as necessidades locais, adaptadas aos seus agroecossistemas são responsáveis pela manutenção de uma rica diversidade o qual agricultores familiares e suas respectivas entidades as mantêm por meio da conservação das sementes de cultivares crioulas. A justificativa é reconhecer a cultura agrícola quilombola e seus valores culturais presentes nesse território propiciou o entendimento que as sementes crioulas têm um papel essencial na manutenção dessas comunidades. As famílias guardiãs quilombolas ao manter as sementes, mantêm uma série de práticas e procedimentos organizados ao sistema de reprodução social dessas famílias, orientadas pela tradição e ancestralidade, que se mantêm. O ato de guardar e reproduzir essas variedades representa e alimenta toda uma simbologia e sua cosmovisões. Os objetivos deste trabalho: identificar os motivos que levaram determinados agricultores quilombolas a preservar agrobiodiversidade e se tornarem guardiões de sementes.

Aspectos históricos da região costeira média do RS

As pesquisas de campo situaram-se na Planície Costeira Média do Rio Grande do Sul, especificamente nos municípios de Tavares e Mostardas. Como resultado da crise populacional ocorrida no arquipélago de Açores no século XVIII, também colonos açorianos migraram para esses territórios ao longo do litoral, onde criaram inúmeras povoações (JACOBUS, 1996).

O município de Mostardas está localizado a 31° 06' 25" latitude Sul e a 50° 55' 16" longitude oeste, com altitude máxima de 17 metros. O município faz parte do litoral médio do estado, num istmo formado entre a Laguna dos Patos, a Oeste e o Oceano Atlântico, à Leste. A população total é estimada em 12.124 habitantes, sendo 8.143 residentes no perímetro urbano e 3.981 na zona rural (IBGE, 2010). Seu território está distribuído em uma área de 1.983 Km² (IBGE, 2019).

Os primeiros registros históricos citam que, em 1742, já existia um posto de vigilância denominado Guarda de Mostardas, na área que hoje compreende o município. Quanto à denominação de Mostardas, pairam muitas dúvidas, pois não há documento oficial que explique a origem do nome. Porém, a tradição oral levanta algumas possibilidades: a quantidade abundante do vegetal comestível nativo da região; ou o naufrágio de um navio francês

denominado Mostardas que teriam se abrigado na região e, ou, um comerciante que se estabeleceu junto ao Posto de Vigilância, de sobrenome Mostardas (IBGE, 2019).

Localizado em latitude 31° 17' 14" Sul, e à longitude 51° 05' 37" Oeste, com altitude máxima de 15 o município de Tavares possui uma população de 5.351 habitantes, sendo 3.299 residente no perímetro urbano e 2.052 na zona rural (IBGE. 2010). O território abrange uma área de 604,26 Km² (IBGE. 2019) O município faz parte do Litoral Médio do estado, no mesmo istmo que compõe o município de Tavares.

O município de Tavares teve a primeira povoação a partir da chegada do Brigadeiro José da Silva Paes, em 1737, quando fundou o forte Jesus Maria José, no lado Sul da Barra do canal de Rio Grande. A origem da população provém de casais açorianos que aqui chegaram por volta de 1760. O nome do Município tem origem no nome do Coronel Antônio da Silva Tavares, proprietário de terras no início da colonização (IBGE, 2019). Por sua vez, a chegada das primeiras populações de escravos, a este território deu-se no final do séc. XVII, quando foi dado início à utilização da mão escrava (SILVA, 2007). Hoje, essa região possui um dos maiores registros de quilombos do estado conforme identificado na Tabela 1, estando três localizados em Mostardas e três em Tavares, sendo todos devidamente reconhecidos e registrados.

Tabela 1. Número de comunidades quilombolas existentes em cada cidade.

Município de Tavares	Município de Mostardas
Comunidade Capororocas	Comunidade Casca
Comunidade olhos D' Água	Comunidade Teixeiras
Comunidade Anastácia	Comunidade Colodianos

Fonte: elaborada pelo autor.

E na Tabela 2 foram identificados 23 agricultores guardiões quilombolas, distribuídos em quatro comunidades no período de agosto a outubro de 2019.

Tabela 2. Número de guardiões quilombolas e comunidades entrevistadas nos municípios de Mostardas e Tavares, RS.

Mostardas		Tavares	
Comunidade da Casca FG10, FG11, FG12, FG13, FG14, FG15, FG16, FG17, FG18, FG19.	Comunidade dos Teixeiras FG20, FG21, FG22, FG23	Comunidades Olhos D'água FG4, FG5, FG6, FG7, FG8, FG9	Comunidade Capororocas FG1, FG2, FG3

Fonte: elaborado pelo autor.

Perante esse legado, e por a região possuir uma rica diversidade cultural, inclusive em sua agricultura, compreendendo também a existência de variedades caracterizadas como crioulas se fez necessário compreender os grupos sociais que permeiam o respectivo mundo rural, suas interrelações, e, dentre eles, aqueles identificados como guardiões das variedades crioulas, ou, também, guardiões de sementes.

O guardião quilombola e o manejo de sua agrobiodiversidade

A conservação das sementes de variedades crioulas tornou-se um aspecto fundamental na preservação da agrobiodiversidade, principalmente no que concerne aquela de clima subtropical e temperado, que têm sido pouco alcançadas pelas instituições de pesquisa e desenvolvimento.

Geralmente esse material genético encontra-se nas mãos de agricultores familiares, assentados da reforma agrária, quilombola e comunidades tradicionais os quais podem ser considerados “guardiões das sementes”. Estas cultivares vem passando de geração em geração, submetidas a um processo de seleção local pelos agricultores, através de melhoramento voltado para as necessidades locais, adaptadas aos seus agroecossistemas.

Mundialmente, existem duas formas de conservação dos recursos genéticos, a conservação *in situ*, ou seja, nos locais de ocorrência natural dos recursos genéticos, bem como, nas unidades de produção agrícolas familiares (MMA, 2000) e o *ex situ*, que é realizado por instituições de pesquisas e companhias produtoras de sementes (MMA, 2000), ou seja, fora dos seus locais de ocorrência natural.

Ao pensar a conservação *in situ* é necessário ter a percepção de que as sementes, não são apenas um recurso genético, mas sim um patrimônio, uma vez que, carregam além das características agronômicas e ecológicas, características sociais e culturais.

Portanto, não se pode tratar apenas da conservação das sementes crioulas, do recurso genético em si, nela está representada as cosmovisões e as ancestralidades de um povo como mostra a conservação *ex situ*, mas também a conservação das suas formas de compreender todos os agroecossistemas, do mundo e de manter e gerar aprendizados com os outros seres humanos em conjunto e com seus locais de produção, dos mais diversos sistemas de plantio, como, os mais diversos meios de cultivá-los entre os seus agricultores (CUNHA, 2013).

Destaca-se que, uma vez que as sementes crioulas necessitam dos agricultores guardiões para sobreviver e disseminarem-se, insere aqui todas essas tradições, significados sobre suas práticas, suas memórias, seus saberes e fazeres representados como atores no manejo dos agroecossistemas, o qual está impregnado por um viés cultural (GARLET, 1997; OLANDA, 2015).

A trivialidade existente na terminologia Guardiã de Sementes Crioulas se fez necessário, porque um Guardiã é um ser que defende de forma destemida aquilo que para ele tem representatividade, o seu patrimônio genético e cultural.

O pensar de um guardião de sementes, faz surgir uma relação quase simbiótica entre agricultor e semente, fundindo histórias de vida do agricultor e da semente, a qual uma história de vida não pode ser contada, sem que a outra esteja presente (PINHEIRO, 2018).

Contudo, o termo ‘guardiões de sementes’ foi cunhado há poucos anos, e não está perfeitamente concluído ou delimitado, conforme afirmam (Bevilaqua *et al.*, 2014). Nesse contexto Olanda (2015), afirma que a terminologia guardiões de sementes, surge da necessidade de orientar a população em geral sobre a erosão genética, a contaminação transgênica e apropriação indevida das sementes crioulas, da cultura e do conhecimento impregnado as sementes por grupos e corporações que visam o lucro.

Conforme Bevilaqua *et al.*, (2007) os agricultores familiares e suas entidades representativas são responsáveis pela manutenção de um patrimônio importantíssimo para a humanidade, por meio da conservação das sementes de cultivares crioulas, apesar do grande avanço da agricultura moderna.

Se a erosão genética compromete diretamente a biodiversidade, levando a pobreza econômica, cultural e nutricional e o desaparecimento de cultivares crioulas que poderiam

solucionar todos os problemas atuais e futuros da agricultura afetando seriamente a sustentabilidade, criando um processo de destruição de sua própria agrobiodiversidade, da memória social da semente e dos seus saberes. (ANTUNES e BEVILAQUA, 2009).

Assim a agricultura em suas dimensões social, econômica, ambiental e cultural, são transmitidas de geração em geração, e que aos poucos vão sendo perdidas, pois muitos dos genes que poderão solucionar problemas atuais e futuros, encontram-se nas cultivares crioulas que estão sendo perdidas ou que se encontram sub-utilizadas. Em prol de um saber atribuído nos centros de ensino e pesquisa e empresas transnacionais que instigam e desqualificam o trabalho desenvolvido nas pequenas unidades agrícolas pelos agricultores guardiões, visando hipocritamente o estabelecimento de poderes centrado no capital e no controle e monopólio das sementes (OLANDA, 2015).

Os agroecossistemas produtivos tradicionais, altamente complexos e diversificados, foram substituídos por modelos simplificados de produção agrícola, artificializados, pouco diversos, que necessitam de constantes intervenções para se manterem produtivos (ALTIERI e NICHOLLS, 1994). Para maximizar a capacidade de sobrevivência e, sob o ponto de vista socioambiental, as cultivares crioulas possuem grande potencial para o desenvolvimento de novas cultivares adaptadas a sistemas de produção com baixa utilização de insumos e de recursos naturais (BEVILAQUA *et. al.*, 2014).

A agrobiodiversidade e as formas de preservação das variedades crioulas

Ao manter espécies e variedades de sementes crioulas esses agricultores quilombolas são mantedores dessas variedades mantidas a partir do seu. As famílias atribuem diferentes motivos para a manutenção da agrobiodiversidade. Onde cada uma com suas justificativas envolvidas no âmbito ambiental, sócio-cultural, econômico e tradicional.

Na ótica dos agricultores guardiões de sementes, conservar e manter uma semente crioula traduz-se em duas medidas, a primeira é conservar através do uso, prática que está inserida intrinsecamente na lógica da agricultura camponesa, porque está ligada a atitude de sobrevivência das famílias agricultoras, a segunda, é o compartilhamento, que está relacionado à solidariedade presente entre os agricultores (ANTUNES *et. al.*, 2018a).

O conservar para os agricultores guardiões quilombolas as sementes assumem diversos significados, mas com o mesmo sentido, de ter, possuir, manter, existir, preservar. Essas ações

relacionam-se não somente com o plantar, colher e armazenar, mas também, com a de viver, conviver, sobreviver, compartilhar e resgatar essas variedades.

Os agricultores guardiões mantêm suas sementes, desenvolvem suas criações, e técnicas de cultivo, com um objetivo, não só de almejar uma maior produtividade, ou alcançar uma melhor renda comercial, mas também satisfazer as suas necessidades culturais, culinárias e em muitos casos religiosos, melhor adaptabilidade aos seus agroecossistemas entre outros aspectos (PINHEIRO, 2018). O conservar a semente significa independência e liberdade, portanto:

É importante manter a semente.
Porque é difícil de conseguir depois. [...] é tudo mais caro.
Se fosse comprar semente eu ia pagar uns 12 reais o quilo. [...] guardando eu economizo uns 120 reais. [...] feijão eu tenho para plantar, de tudo tipo de feijão preto, mamona, carioquinha, o vermelho. (Informação verbal do guardião FG 4 em 18/09/2019).

Portanto, resgatar, reproduzir e manter sementes crioulas é um comportamento que caracteriza a apropriação da natureza pelos agricultores guardiões quilombolas, as quais cumprem determinadas funções, sendo a primeira a da sobrevivência da família, posteriormente, emergem outras propriedades como autonomia, identidade, memória e tradição.

“Os que temos e cultivamos para produção de alimento” e o papel da cultura

A produção agrícola dos agricultores guardiões quilombolas não está na esfera do mercado municipal, de Tavares e Mostardas que é a commodity de arroz e cebola, portanto não estabelece relações diretas. Em visto disso, o modo de produzir sementes crioulas cumpre todas as funções necessárias de reproduzir um sistema desenvolvido pela família por que as relações com os mercados na região não estão desenvolvidos no tocante aos outros centros mais desenvolvidos para a comercialização de produtos agrícolas. Desta forma a venda fica restrita a associação dos agricultores de cada cidade e a conhecidos interessados em um alimento de qualidade.

Vale considerar que, a relação com o mercado não impõe explicitamente o uso de um pacote tecnológico no sistema produtivo dos agricultores, portanto o que define são seus valores suas convicções ao adotar essa tecnologia principalmente o trator que é um facilitador do trabalho no campo.

Alguns dos agricultores guardiões principalmente os agricultor de Tavares, cultivam cebola. Este produto necessita o uso de muito agrotóxico, conforme podemos verificar no relato da guardiã FG2 “[...] hoje em dia a cebola recebe muito agrotóxico, muito veneno, mas nos não usamos essas coisas aqui na nossa horta, tudo é orgânico”.

Outro agricultor que planta um pequeno lote de cebola convencional relatou que “um vizinho plantou e colheu uma cebola linda e não conseguiu vender por que não tinha papel” (FG8). Segundo nosso interlocutor o convencional tem subsidio e assistência técnica, o que permite, a muitos desses agricultores, um meio de conseguir uma renda. Entretanto, a maioria dos agricultores guardiões pratica a produção de subsistência, além de outras atividades laborais para melhorar a renda das famílias.

Ao guardar essas sementes os agricultores estão protegendo suas histórias e suas memórias acumuladas ao longo de gerações, a qual foram transmitidas as formas de usos dessas variedades. O ato de guardar semente não é só uma questão de capricho, nela está carregada de significados, o que é uma tradição passada de geração a geração.

Desta maneira, o ato de comer um alimento de uma semente que está há gerações traz lembranças do passado e que futuramente serão transmitidos aos seus descendentes. De acordo com comentários dos guardiões:

O feijão sopinha tem história, dizem que ela veio nos cabelo dos negros na época da escravidão. [...] planto pouco pra manter a tradição para o consumo.

E uma semente que mantém a tradição, mas que está em risco [...]

E a forma de manter é consumindo [...] dá pra faz como você quiser, com galinha, com carne [...] (informação verbal do guardião FG6 em 18/09/2019).

O feijão sopinha é importante [...] Há várias formas de uso dá para fazer pão, da para fazer bolo, farinha, sopa, salada, fazemos brevê (amuleto) também [...] O feijão sopinha por enquanto e só para o consumo [...] Mas se tiver para vender vende a gente vende

Quando tem um quilo ou dois a gente vende.

Quando a gente quer fazer uma sopa, faz com carne ou com galinha Tradição e tradição (informação verbal da guardiã FG2 em 17/09/2019).

Ao comentar sobre os brevês (amuletos) me gerou curiosidade sobre o seu significado, daí a guardiã comentou que é tradição vem dos tempos dos antigos. O feijão sopinha é sagrado e faz parte do festival religioso da Nossa Senhora do Rosário a qual a relata a guardiã.

Meu filho está no colégio agora; começou com 10 anos; agora tem 15 anos e é dançante; tenho vários primos que são dançantes e meus tios são dançantes; alguns já morreram outros estão vivos. E uma tradição muito antiga do tempo dos escravos (informação verbal da guardiã FG2 em 17/09/2019).

Essas manifestações culturais e religiosas existem há séculos onde o sincretismo religioso africano com o europeu surgiu essa manifestação religiosa e o surgimento da cultura afro-açoriana. Onde suas danças e cantigas são um dos elementos dessas manifestações onde a sopa do feijão sopinha dá a energia para que eles a Irmandade da Nossa Senhora do Rosário possa cumprir promessa que inicia ao anoitecer e estende-se até o amanhecer, cantando, tocando e dançando.

Sendo cultivado há várias gerações, o feijão sopinha conserva expressões históricas e culturais possuindo uma memória social onde a semente é vista como sagrada por representar manifestações dos seus antepassados. Segundo Bevilaqua *et al.* (2007), o feijão sopinha é uma variedade do feijão miúdo e é cultivado há séculos na região costeira, onde os processos de seleção natural em combinação com as seleções realizadas por agricultores, resultaram em plena adaptação às condições extremas daquela região especialmente as adversidades de solo, clima e maresia. Diante das variedades existentes na região essas comunidades quilombolas apresentam um rico acervo de variedades, (Tabela 3) que são ou foi cultivada ao longo do tempo.

Tabela 3. As variedades crioulas que são cultivadas em cada comunidade quilombolas e o que perdeu.

Comunidade Quilombola	Semente crioula	Se perdeu	Resgatado
Capororocas	Couve, mostarda verde, mostarda roxa, amendoim roxo, amendoim preta, feijão mamoninho, feijão roxo, milho catete branco, milho catete amarelo, milho roxinho, milho cunha, milho vermelho crioulo, ervilha doce, ervilha salgada, feijão sopinha, abobora jamanta, moganga verde escura, moganga branca, melão antigo, moranga miúda, feijão miúdo amendoim, porongo comestível, batata roxa	Milho canjica, milho roxinho, feijão mamono miúdo, feijão pretinho miúdo	Feijão Sopinha
Olhos D' Água	Feijão miúdo preto, feijão roxo, feijão vermelho, milho catete branco, feijão miúdo amendoim, feijão miúdo mamoninho, feijão miúdo carioquinha, feijão sopinha, abobrinha, abobrinha branca, abobrinha amarela, batata cenourinha, batata pé de galinha, batata roxa	Abobora grade, abobora de pescoço, batata americana, tinha cinco variedade de feijão preto, arroz crioulo.	Sopinha
Casca	Feijão mamono, feijão vermelho, feijão roxinho, milho crioulo, feijão preto crioulo, feijão miúdo, milho catete branco e amarelo, alho roxo, feijão rajado	Batata americana, batata olho de boi, batata abobora, batata quero-quero, batata serraninho, batata gema de ovo, batata perna de moça, milho pipoca, milho canjica, girassol, sopinha	****
Teixeiras	Feijão mourinho, feijão mamono, feijão preto, feijão carioca, feijão roxo, feijão miúdo preto, feijão miúdo baio, feijão miúdo tipo perdiz, feijão sopinha, milho catete, milho canjica, milho vermelho mostarda roxa, couve amarela, moganga.	Batata americana, batata abobora, batata pé de galinha	Sopinha

Fonte: Elaborado pelo autor.

O sopinha do alimento ao sagrado

O feijão sopinha uma variedade do feijão miúdo, é cultivado há séculos na região costeira, onde os processos de seleção natural em combinação com as seleções realizadas por agricultores, resultaram em plena adaptação às condições extremas daquela região (BEVILAQUA *et al.*, 2007), especialmente as adversidades de solo, clima e maresia. O seu resgate vem muito devido a descoberta do potencial agrônômico pesquisado e identificado sendo um excelente alimento.

Sendo cultivado há várias gerações, o feijão sopinha conserva expressões históricas e culturais possuindo uma memória social onde a semente é vista como sagrada por representar manifestações dos quais os ancestrais dessas comunidades deixaram a os seus descendentes.

A agrobiodiversidade e as formas de conservação das variedades crioulas e seu melhoramento

Ao manter espécies e variedades de sementes crioulas esses agricultores quilombolas são mantedores dessas variedades mantidas a partir do seu. As famílias atribuem diferentes motivos para a manutenção da agrobiodiversidade. Onde cada uma com suas justificativas envolvidas no âmbito ambiental, sócio-cultural, econômico e tradicional.

Nodari e Guerra (2015) mostram que a conservação pelo uso é uma metodologia milenar, a qual os agricultores nas mais diversas partes, cultivam, conservam, produzem alimentos, fibras e outras necessidades de forma sustentável.

E esse processo de preservação é explicado por Alier (1992, p.10) que aborda de maneira explícita, afirmando que “a ecologia da sobrevivência torna os pobres conscientes da necessidade de conservar os recursos”. Ploeg (2008) mostra que o ato de conservar as sementes é uma prática camponesa, na qual, a reprodução social é dependente da co-produção com a natureza, então, “guardar e reproduzir uma semente crioula estão na materialidade da lógica de reprodução social da família agricultora camponesa, garantida pelo trabalho que se realiza na unidade de consumo e unidade de produção” (OLANDA, 2015, p. 60).

A questão relacionada à conservação nesse aspecto traduz-se em dois sentidos. A sobrevivência da família guardiã, a qual mantém o recurso genético, que proporciona o fornecimento dos alimentos, feijões, milhos, abóboras, batata-doce e outras sementes. Salienta-se desta forma o fato pelo qual as sementes foram domesticadas, outro aspecto a ser salientado é a sobrevivência do recurso genético em si, que é o produto das suas finalidades, pois a

manutenção por parte dos agricultores, apenas ocorrerá, se determinados benefícios serem ofertados, ou se ocorrer algum fator sócio-cultural.

Dessa forma, é necessário salientar que na lógica camponesa, a qual se encontra os agricultores guardiões as sementes, possuem uma uniformidade relacionada à sua finalidade, conforme mostram Petersen *et. al.* (2013, p. 36) ao afirmarem que “as sementes das espécies cultivadas são portadoras de mensagens genéticas e de mensagens culturais”. Portanto, o que existe nessa relação é uma coexistência, ou melhor, uma simbiose, entre o agricultor e agricultura guardiã e a semente a quem sintetiza na forma de produção de alimento.

Essa relação à simbiose entre os agricultores guardiões e a sementes é relatada por Pereira (2017), ao afirma que, sem as sementes crioulas, dificilmente a agricultura familiar camponesa poderia sobreviver, bem como, sem os guardiões de sementes, dificilmente as variedades crioulas sobreviveria como também à cultura emanada nessa relação.

A manutenção dos recursos genéticos, em especial as sementes crioulas, está diretamente ligada com a produção de alimentos, e dessa forma, essa prática é adotada como uma estratégia, que tem como resultado alguns níveis de autonomia, não somente econômica, mas também de tomadas de decisões, fato que confere uma certa segurança em permanecer enquanto família agricultora (OLANDA, 2015).

O papel da agrobiodiversidade na manutenção das sementes e da cultura quilombola

A manutenção da agrobiodiversidade e dos recursos genéticos, em especial as sementes crioulas, proporciona a manutenção e sobrevivência desses espaços de saber. Os espaços de plantio são frutos das percepções, sabedorias, conhecimentos, significações forjados nos cotidianos dos agricultores guardiões quilombolas de sementes.

A agrobiodiversidade é extremamente importante para a sobrevivência e recuperação do que foi perdido, simplesmente pela capacidade adaptativa e de renovação, quando postos as adversidades e oportunidades, simplesmente porque os processos biodiversos vão exigir do agricultor guardião apresentar todo o seu conhecimento aprendido e experimentado para dinamizar, a capacidade de sobrevivência das cultivares crioulas, devido a sua ampla variabilidade genética, as quais lhe conferem maiores adaptabilidade às condições adversas e, por conseguinte, maior resistência (OLANDA, 2015).

Por isso, os recursos genéticos, fonte de alimento, necessitam da espécie humana para a sua sobrevivência, uma vez que, em muitos casos, através do processo de domesticação, genes

importantes de resistência foram perdidos, fato que condiciona a adoção do termo, manutenção de sementes crioulas, ao invés de conservação, ou preservação, simplesmente porque a manutenção traz como significado, medidas ou cuidados necessários para a conservação, ou funcionamento de algo, no caso as sementes crioulas, as quais sem a espécie humana não sobreviveria (PINHEIRO, 2018).

Entretanto, a manutenção das sementes crioulas está diretamente ligada com a produção de alimentos, e dessa forma, essa prática é adotada como uma estratégia, que tem como resultado alguns níveis de autonomia, não somente econômica, mas também na valorização da cultura. E tal diagnóstico pode ser iniciados através de uma leitura do espaço rural, e em especial da situação sócio-econômicos e ambiental na qual a agricultura familiar está inserida.

A complexidade dos sistemas de agrobiodiversidade se deve à manutenção cultural, a qual é evidente nas famílias, principalmente aos saberes impregnados nas sementes, os quais remetem aos antepassados. Portanto, as sementes crioulas, assumem uma característica de “vetor agro-cultural”, a qual mantém e perpetua as cosmovisões, os saberes, as percepções, intuições, fazeres, desses agricultores e agricultoras que as mantêm, os quais são repassados muitas vezes conjuntamente com as sementes para outros agricultores, no momento do compartilhamento das sementes, ocasionando assim a simbiose entre as dimensões cultural e social do guardar as sementes, ou seja, a semente é o vetor que carrega e dissemina a mensagem genética e cultural.

Considerações finais

A manutenção das sementes crioulas como essência da cultura quilombola se faz manifestar ao colocá-los na categoria de família guardiã reconhecida conhecida pela sua complexidade em relação aos sistemas produtivos, respeitando toda uma dinâmica própria de cada família que se deixa levar, mediada por influências de sua tradição.

A cultura de guardar sementes crioulas revela a afinidade e peculiaridades de valorizar o saber ancestral, reverenciando sua identidade e o legado dos seus antepassados.

Manter as sementes crioulas com os agricultores guardiões quilombolas representa uma atitude de autonomia, tradição e sobrevivência, principalmente no tange a produção de alimentos.

A cultura do guardião de sementes está interligada existindo uma simbiose, na qual um necessita do outro para sobreviver, portanto, sem esse ato importantíssimo, as sementes não são

mantidas *in situ*, anulando, esse processo de coevolução das plantas cultivadas. E o sentido de guardar a semente e o significado de ser guardião que é poder produzir o que lhe confere entre outras coisas, a satisfação de estar longe dos insumos químicos, em especial agrotóxicos é ser capaz de fornecer alimentos, de qualidade, não só para os membros de sua família, mas também para a população.

A dimensão cultural evidenciada, principalmente aos valores culturais dos antepassados, práticas, atitudes que são aplicadas aos sistemas de cultivo, nas lavouras, hortas, mas também no preparo do alimento no cozinhar, no falar e no relacionar com a sua tradição.

A erosão cultural representada pela crise sucessória é uma das maiores ameaças da agrobiodiversidade por que a cultura do guardião, e o que às mantém todas essas variedades e seus significados.

A tradição de conservar suas sementes coloca esses agricultores como aliado a manutenção de seus saberes e em conservar suas múltiplas identidades em um processo de constante mudança, a fim de adequar-se ao meio, os quais estão inseridos, bem como, seus recursos genéticos proporcionam soberania e segurança alimentar para suas famílias.

A manutenção das sementes crioulas proporcionou a mim estudante-pesquisador negro refletir sobre o papel do guardião quilombolas me mostraram toda uma pureza e simplicidade de suas ações, no sentido de existir, ou seja, resistem enquanto agricultores familiares quilombolas produzindo suas sementes, seus alimentos, em seus agroecossistemas, forjando suas tradições, cosmovisões e sabedoria.

Estar envolvido nesse ambiente de pesquisa, permitiu identificar que existe outro caminho onde o guardião e a semente são manifestações culturais, onde a sabedoria desses guardiões está representada na preservação da agrobiodiversidade onde a base de toda sua construção está carregada de significados na semente crioula.

Referências

ANTUNES, Irajá Ferreira; SILVA, Patrícia Martins da; FEIJÓ, Cristiane Tavares; BEVILAQUA, Gilberto Antonio Peripolli; NORONHA, Andrea Denise Hildebrandt; ALBUQUERQUE, Tatiana Schiavon de; MARTHA, Anderson Luis Mesquita da; PINHEIRO, Régis. Agrobiodiversidade, sementes crioulas e guardião de sementes - ou a construção de uma nova realidade social a partir de nova realidade rural. **Cadernos de Agroecologia**, Vol. 13, Nº 1, Jul. 2018a.

ANTUNES, Irajá Ferreira; SILVA, Patrícia Martins da; FEIJÓ, Cristiane Tavares; BEVILAQUA, Gilberto Antonio Peripolli; NORONHA, Andrea Denise Hildebrandt;

- ALBUQUERQUE, Tatiana Schiavon de; MARTHA, Anderson Luis Mesquita da; PINHEIRO, Régis. Sementes crioulas, agrobiodiversidade e ecologia. **Cadernos de Agroecologia**, Vol. 13, Nº 1, jul. 2018b.
- ANTUNES, Irajá Ferreira; BEVILAQUA Gilberto Antônio Peripolli: Partitura de Biodiversidade - Uma nova alternativa para ampliar a base genética de espécies cultivadas e promover a segurança alimentar In: SIMPOSIO DE RECURSOS GENÉTICOS PARA AMÉRICALATINA Y EL CARIBE, SIRGEALC, 7, 2009, Pucón, Chile. **Proceedings** Santiago de Chile: Ministério de Agricultura, Instituto de Investigaciones Agropecuarias, 2009.
- ALIER, Juan Martinez. O ecologismo dos pobres. **Revista Wani**, Manágua, n. 125, p. 2-42 a 50, 1992.
- ALTIERI Miguel.; NICHOLLS Clara. **Biodiversity and pest management in agroecosystems**. Haworth Press, New York. 1994. 185 p.
- BEVILAQUA, Gilberto Antônio Peripolli; GALHO, André Maresquirema; ANTUNES, Irajá Ferreira; MARQUES, Robson Luis Legorio; MAIA, Manoel de Sousa. **Manejo de sistemas de produção de sementes e forragem de feijão-miúdo para a agricultura familiar**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2007. 40p.
- BEVILAQUA, et. al.. Agricultores Guardiões de Sementes e a Ampliação da Agrobiodiversidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99–118, 2014.
- EMPERAIRE, Laure. O manejo da agrobiodiversidade: o exemplo da mandioca na Amazônia. In: BENSUSAN, N. (org.). **Seria melhor mandar ladrilhar?** Biodiversidade: como, para que e por quê. 2. Ed. Brasília: Editora UnB, 2008. p. 252.
- GARLET, Ivone José. **Mobilidade Mbyá: história e significação**. 1997. 200f. Dissertação (Mestrado) – História Iberoamericana. Pontifício Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1997.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/universo-caracteristicas-da-populacao-e-dos-domicilios>. Acesso em: 05 Dez. 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/mostardas/panorama>. Acesso em: 05 Dez. 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/tavares/panorama>. Acesso em: 05 Dez. 2019.

JACOBUS, André. Louças e cerâmicas no sul do Brasil no século XVIII: o Registro de Viamão como estudo de caso. **Revista do CEPA**. Santa Cruz do Sul, vol. 20, nº 23, p. 07-58, 1996.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – MMA: Convenção sobre a biodiversidade – CDB. Ed: s/d. Brasília, DF, 2000. 30p. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_chm_rbbio/_arquivos/cdbport_72.pdf. Acesso em: 21 Jul. 2010.

NODARI, Rubens Onofre ; GUERRA, Miguel Pedro: A agroecologia: Estratégias de pesquisa e valores. **Estudos Avancados**, Florianópolis, v. 29, n. 83, p. 183–207, 2015.

OLANDA, Rosemeri Berguenmaier de: **Famílias guardiãs de sementes:** a tradição contribuindo para a agrobiodiversidade. 2015. 155 f. Tese (Doutorado em Agronomia). Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

PEREIRA, Viviane Carnejo. **A conservação das variedades crioulas como pratica de agricultores no Rio Grande do Sul.** 2017. 336 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PETERSEN, Paulo Frederico ; CURADO, Fernando Fleury; DIAS, Emanuel; SANTOS, Amaury da Silva dos. Sementes ou grãos? Lutas para desconstrução de uma falsa dicotomia. **Agriculturas**, v. 10, p. 36–43, 2013.

PLOEG, Jan Douwe Van Der. **Camponeses e Impérios Alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização.** Tradução: Rita Pereira. Porto Alegre. Ed: UFRGS, 2008. p.373

PINHEIRO, Régis Araújo. **Agricultores guardiões de sementes: atitudes para a construção de agroecossistemas mais sustentáveis.** 2018. 201f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

SABOURIN, Eric. **Dádiva e reciprocidade nas sociedades rurais contemporâneas.** In: Tomo: São Cristovão, VII, 2004, P. 75-103.

SILVA, Paulo Sergio da. **Políticas públicas e mediação na comunidade remanescente de quilombos de Casca – Mostardas, RS.** Dissertação, 105 f. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2007.

Recebido em 03 de setembro de 2020.

Aceito em 08 de março de 2022.

Publicado em 29 de julho de 2022.